

## **A Construção da Cidadania da Mulher: Grupo de Pesquisa e Interdisciplinariedade**

**Alice Mitika Koshiyama**

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - (ECA-USP)

### **Resumo:**

Este trabalho avalia parte dos resultados de uma pesquisa individual na sua relação com um projeto integrado de pesquisa, A Construção da Cidadania, apoiado pelo CNPq, e agrega contribuições de estudos sobre gênero, saúde, trabalho, educação e psicologia social. A partir de um estudo de caso, a ação de Carmen da Silva como articulista da revista *Cláudia* entre 1963-1985, constatamos a importância do feminismo como ideologia que propõe a construção da cidadania da mulher protagonista de sua própria história. A revista, nesse processo, é o espaço público usado para o diálogo entre as mulheres e para o debate dos conflitos que marcam o longo caminho da submissão à autonomia. A perspectiva revolucionária de um feminismo que busca as igualdades e respeita as diferenças é um projeto cultural libertário, uma utopia que propõe a construção de um novo ser humano.

**Palavras –chave:** cidadania – história - feminismo - psicologia social - jornalismo brasileiro - revista *Cláudia* - Carmen da Silva.- Maria Otilia Bocchini – José Roberto Montes Heloani .

### **Introdução**

O projeto integrado "A Construção da Cidadania" trabalhamos algumas questões referentes às relações entre a prática do jornalismo, as relações de gênero e os princípios feministas formulados e divulgados pela psicóloga e jornalista Carmen da Silva dos anos 60 aos 80.

Foi essencial ao desenvolvimento do nosso trabalho o constante intercâmbio com os pesquisadores Maria Otilia Bocchini, que estudou o tema "Saúde e cidadania nas publicações feministas dos anos 90"; e José Roberto Heloani que analisou a "Organização do trabalho e a gestão da comunicação dos anos 60 aos 90".

O trabalho de Bocchini subsidiou várias de suas atividades de prática da comunicação dentre as quais destacamos a elaboração do boletim *Mulher e Saúde* da SOF – Sempre Viva Organização Feminista. Um olhar sobre as publicações feministas mostrou a necessidade de se pesquisar as publicações da grande imprensa feminina, principalmente aquelas dirigidas às mulheres de baixo poder aquisitivo.

As pesquisas de Heloani sobre saúde e trabalho e sobre gestão do inconsciente e cultura organizacional permitiram avaliar os processos de comunicação na formação dos controles sobre os indivíduos, inclusive os controles psicossociais.

### **História, Jornalismo e Gênero**

Conforme Agnes Heller, a história é a substância da sociedade estruturada e heterogênea . E o discurso da história é um processo de construção dos valores, ou da degenerescência e ocaso desse ou daquele valor, ao longo do tempo.

Verificamos a colisão de valores em esferas heterogêneas, no processo de articulação e relação dos componentes da essência humana (moralidade, universidade, consciência e trabalho). (1)

A vida cotidiana marca a relação dos valores particulares dos indivíduos com os valores do gênero humano mostrando ações materializadas em atos e fatos. Hoje, encontramos a comunicação de massas atuando na construção e negação de valores dominantes na cultura capitalista, que define padrões de comportamento desejáveis para homens e mulheres.

A importância de um trabalho interdisciplinar esteve presente nos momentos decisivos deste trabalho. As dificuldades ajudaram a elaborar soluções que puderam depois ser compartilhadas.

As mudanças sociais dependem da aceitação de valores pelas pessoas, valores que resultam em ações no presente e em projetos de ações para o futuro. A aceitação de idéias não resulta, necessariamente em transformações sociais que se fundamentariam nessas idéias. Pois a história é a materialização das necessidades e das possibilidades. É uma harmonização entre vontades e dos desejos. É o enfrentamento entre alternativas que convergem ou que se conflitam.

Em nossa pesquisa sobre a jornalista Carmen da Silva, redatora e articulista da revista *Cláudia* de 1963 a 1985, analisamos a relação entre história, cidadania, gênero, feminismo e jornalismo. Carmen da Silva constrói a cidadania da mulher através do jornalismo.

Notamos que a história não privilegia o olhar feminino. No cotidiano, a possibilidade de concatenar os problemas comuns a todas as mulheres, organizá-las e defendê-las tem sido uma prática difícil. Porque existe a dificuldade da mulher assumir sua identidade própria como ser autônomo, processo que passa pela relação com o corpo, e principalmente a sexualidade.

A pesquisa histórica revela uma participação das mulheres em momentos muito significativos da história, como a Revolução Francesa, embora a historiografia clássica não abordasse esses fenômenos. É a perspectiva histórica que registra a cidadania das mulheres no passado e hoje nos possibilita ver a complexidade da presença feminina na sociedade.(2)

A posição da mulher nos espaços público e privado define sua posição na sociedade e marca sua identidade de gênero ao longo do tempo.

A busca do bem estar, do prazer, da satisfação com equilíbrio e autonomia para homens e mulheres é um ideal do trabalho de Carmen da Silva jornalista. Sabendo da distância entre a realidade do dia-a-dia e o seu projeto para as mulheres, observa:

*Já são bastante numerosas entre as mulheres que resolveram assumir, de modo total e sem concessões, sua condição de gente: não querem ser coisa, objeto, boneca, enfeite, gatinha, dondoca e semelhante. Rejeitam as fórmulas pré-fabricadas de feminilidade, os papéis prefixados, os enquadramentos limitadores: dona-de-casa, mãe de família, esteio do lar, repouso do guerreiro, musa-do-poeta, apêndice-do-homem, meia-costela. Não aceitam de maneira alguma que o simples fato de seu sexo as coloque num plano de dependência e subalternidade, seja no desempenho social, seja no relacionamento afetivo. (3)*

O trabalho de Carmen da Silva é um dos muitos possíveis trabalhos no jornalismo que devem ser investigados para a compreensão da cidadania feminina.

### **Jornalismo e Feminismo: História e Atualidade**

Ao estudarmos Carmen da Silva fixamos seu lugar na história. E registramos a necessidade das suas idéias feministas na atualidade. Nesse sentido, estudá-la é manter vivo um jornalismo que informa, educa e promove mudanças positivas para o ser humano, o ser humano na concepção de Agnes Heller.

O jornalista executa um trabalho específico no estabelecimento, na consolidação e ampliação dos projetos democráticos de sociedade e na formação para a cidadania. Mas é na ação dos intelectuais orgânicos que temos a expressão dos direitos de cidadania. O intelectual orgânico é um formador de quadros, um educador preocupado com os diferentes níveis de informação e de percepção dos integrantes de um grupo ou de uma classe da sociedade. (4)

No jornalismo alternativo, feministas tiveram presença marcante nos anos 70 e 80 e trabalharam em veículos que hoje desapareceram e na época tiveram uma circulação restrita. Algumas dessas mulheres foram intelectuais organizadoras e formadoras da cidadania das mulheres.

Carmen da Silva foi uma das intelectuais feministas mais influentes no período em que atuou na revista *Cláudia*, uma das mais conhecidas da grande imprensa feminina.

Nesse contexto histórico, a presença de Carmen da Silva nas páginas de *Cláudia*, revista de padrão para mulheres da classe média, é um fenômeno singular. Carmem praticou, em um veículo da grande imprensa feminina conservadora do Brasil, um jornalismo feminista. No entanto, ela não se iludia com o sucesso, externando suas dúvidas, consciente da ameaça de virar um mito. “Em Tom de Confissão” declara:

*E se essa franca admissão de minhas perplexidades vier derrubar, aos olhos das mais empedernidas idealizadoras, o mito da mulher-rochedo, da mulher-forte-que conhece-todas-as respostas, tanto melhor; desde que me tenho por gente, não recordo haver escrito uma única linha que não tendesse precisamente a isso: derrubar mitos. Porque os mitos têm uma característica paradoxal; apoiando-se os pés sobre eles, fatalmente eles nos desabam na cabeça. (5)*

Na década de 60 as mulheres viviam em condições de flagrantes desigualdades no campo profissional, jurídico e moral. Em um contexto histórico em que muitas pessoas ridicularizaram o feminismo, Carmen trabalhou, mostrando sua competência como jornalista e escritora, sua percepção de feminista e psicóloga. Carmen conhecia seu público de classe média, formado por leitoras típicas de uma revista bem escrita que falava de casa confortável, de comida saborosa, de roupas da moda, de como contentar maridos, filhos e familiares.

Os textos de autoria de Carmen da Silva são documentos importantes para a construção da história das idéias que fazem da mulher uma cidadã com direitos de cidadania plena.

A análise dos seus textos mostram o desenvolvimento de um cuidadoso projeto de comunicação com as leitoras na série “A Arte de Ser Mulher”. Vemos o minucioso exame da vida quotidiana das mulheres, muitas vezes atendendo sugestões enviadas pelas leitoras, com a interpretação de suas áreas de silêncios e interdições, de suas dúvidas e agonias.

Um estudo da biografia intelectual de Carmen possibilita a compreensão de sua ação. Leitora crítica do existencialismo de Sartre e Simone de Beauvoir, do marxismo e da psicanálise freudiana, Carmen assumia que a vida é uma combinatória de vontades explicitadas em ações mediadas pelas nossas percepções das possibilidades e limitações que nos cercam.

A psicóloga Carmen da Silva elaborava com suas leitoras percepções diferentes daquelas herdadas pelas mulheres. A herança cultural imobilizava ou entorpecava a capacidade de ação das pessoas. Nesse sentido, Carmen estabelecia com suas leitoras, nos seus artigos mensais, um trabalho de análise.

Via suas leitoras como sujeitos de uma relação analista-paciente, o que explica a ordem para queimar toda a correspondência das consulentes de *Cláudia*, caso morresse. Seu arquivo de cartas foi destruído pela irmã, que atendeu o desejo de Carmen em manter a privacidade das pessoas que confiaram a ela seus mais íntimos segredos. (6)

A relação de Carmen com suas leitoras, de credibilidade e de confiança mútuas, como deve ser a relação analista-paciente permite a construção de um projeto de comunicação e

mudança. Era uma relação dialética, reconhecida em diferentes momentos de “A Arte de Ser Mulher”.

Ao assumir a sua condição tripla de mulher, cidadã e jornalista, Carmen assinala um conjunto de responsabilidades e direitos definidos pela sua inserção na cultura brasileira dos anos 60 aos 80.

Mulher e feminista assinala uma perspectiva de trabalho e compromissos políticos. Jornalista e psicóloga demarca sua ação em um espaço público – a revista *Cláudia* -com um trabalho junto às leitoras. Cidadã e democrata com um projeto de democracia para todos, enquanto processo de construção coletiva de um mundo diferente e novo. Propunha uma democracia com amplo espaço para o feminismo e a psicologia como instrumentos para a construção da cidadania.

### **Carmen da Silva e a revolução inacabada**

O trabalho de Carmen da Silva com as leitoras propõe uma versão revolucionária da mulher. Há uma proposta de uma nova mulher, organizada na vida cotidiana, nas ações concretas. A mudança das relações na família, na escola, na cultura é a consequência buscada. Procura-se uma alteração no campo dos comportamentos e das idéias e emoções que o alicerçam. Ser mãe, filha, avó, irmã, neta, amiga, namorada, esposa, amante é parte de um conjunto de relacionamentos. Como modificar as condições de vida das mulheres sem mudar os homens? Carmen sabia que era impossível, mas as mulheres aparecem como variável interveniente nesta relação e elas devem, como parte desfavorecida, iniciar o processo de transformação. O projeto feminista, materializando por Carmen da Silva, trabalha as dificuldades subjetivas das mulheres somadas as condições sociais objetivas que tem de ser enfrentadas: do assassinato das mulheres por seus maridos, ápice da violência doméstica, ao machismo que cerceia o desenvolvimento da mulher em todos os campos de atividade: do lar ao trabalho.

A relação entre machismo e reacionarismo político é um fato que se materializa no debate, quando Carmen, ao falar para leitoras da *Cláudia*, assinala o imobilismo social do discurso que trata a igualdade de direitos entre homens e mulheres como uma questão menor, para ser resolvida depois da revolução social.

No capitalismo vigente, a ascensão social da mulher se processa pela sua inserção no mercado de trabalho. A importância econômica do trabalho feminino está longe da mudança dos padrões dominantes de comportamento que a cultura impõe às mulheres.

Centrada na valorização da mulher como agente econômico, o projeto da cultura dos meios de comunicação de massas para as mulheres, ao contrário de Carmen da Silva, trata as mulheres como seres que devem ser disciplinados e confinados em comportamentos padronizados. A pesquisa de Maria Otilia Bocchini (7) sobre revistas para o público feminino de menor poder aquisitivo, mostra a exaltação dos tradicionais papéis femininos de mãe, esposa e o reforço das atividades que lembram o âmbito doméstico (a casa) e a ênfase na mulher a serviço do homem com destaque para os comportamentos sexuais e de serviços do lar.

Enquanto no projeto de Carmen e suas leitoras emergia o valor: liberdade para decidir sobre o que era melhor para a sexualidade individual, os meios de comunicação de massas, na atualidade, buscam impor padrões e receitas de ações num verdadeiro supermercado de idéias prontas para uso. A revista *Cláudia*, que após a morte de Carmen da Silva em 1985, ainda manteve a colaboração de colunistas psicólogos (como Flávio Gikovate) em suas páginas, em 2000 extinguiu o pequeno espaço que ainda oferecia à análise e reflexão sobre os relacionamentos de homens e mulheres. Apesar do discurso unidirecional desses colunistas, ainda era um espaço de expressão de opinião que, em algumas situações, se opunham às idéias apresentadas em outras páginas da publicação.

A falta de espaços para o debate e a organização dos interesses das mulheres nos meios de comunicação é um problema concreto. Paradoxalmente, nunca antes as mulheres foram tanto objetos de matérias jornalísticas. Mas, na atualidade elas são vistas como consumidoras de idéias ou produtos para o seu real ou suposto bem estar.

Nessas condições, a articulação de quaisquer propostas de mudanças esbarra no individualismo continuamente cultivado. Ao falar com as suas leitoras de classe média, Carmen da Silva trabalhava as condições individuais lembrando sempre a relação com conjunturas históricas e culturais, de grupos e classes. Os meios de comunicação de massas hoje falam às suas leitoras vendo-as como seres com problemas para resolver. Da auto-estima ao envelhecimento, da arte de agradar os outros e conseguir o que se deseja, tudo é solucionável se as pessoas forem adaptáveis. Não se luta; conforma-se.

Neste universo há ilhas construídas tenazmente. Projetos alternativos de comunicação feminista que permitem trabalhar a organização das mulheres num contexto menor, com recortes específicos de público. Um exemplo é o veículo *Mulher e Saúde*, da organização não governamental SOF -- Sempre Viva Organização Feminista . O periódico mostra os problemas concretos da saúde da mulher, reconhecendo nela o sujeito da ação, mostrando o contexto social e político de situações, que para serem resolvidas devem contar com ações individuais e de grupos organizados~da sociedade.

O desenvolvimento do trabalho de comunicação de grupos deve ser incentivado, mas convive-se com a disseminação da ideologia dominante sobre as mulheres e a dificuldade de se contrapor a ela. A globalização da economia e traz, nos grandes meios de comunicação, a pontuação da presença das mulheres em todos os campos e o discurso da domesticação do feminismo. Este seria hoje, anacrônico e desnecessário.

Mas de qual feminismo estamos falando? A proposição de um feminismo libertador para mulheres de todas as classes sociais continua uma utopia válida. Levada ao limite, esta posição implicará na perspectiva de mudanças para as condições da parte da sociedade oprimida em busca da liberdade. Este tipo de feminismo, o defendido por Carmen da Silva, está no projeto de construção de uma cidadania para todos. Pressupõe participação social, conflitos de interesses, organização das pessoas em grupos e partidos, ampla discussão para formar regras de convivência, análise das possibilidades permanentes de mudar o anacrônico e o indesejável.

A organização da sociedade, a organização do trabalho, tema estudado por José Roberto Heloani mostra-nos que a utopia feminista inscreve-se no contexto das relações sociais construídas. No trabalho e no lazer acontece uma permanente operação de cerco às possibilidades de organizarmos o tempo destinado a cada ação que nos é solicitada.

A organização do trabalho que hoje se estrutura também nos espaços domésticos, transformados em extensão das empresas em alguns casos, interfere no tempo e no espaço de vida das mulheres. A jornada de trabalho de algumas mulheres sobrecarrega-se na rotina da empresa-lar. Ou permanece a nítida divisão social do trabalho doméstico executado pelos empregados do lar, enquanto a dona de casa trabalha para a empresa. A automatização dos atos, dos valores assumidos acriticamente, ocorre nesse contexto organizacional em que sempre há falta de tempo para o cumprimento das agendas propostas.

### **O grupo e a pesquisa individual**

A execução deste projeto resultou em aprendizagem no campo da teoria e da metodologia de pesquisa.

O contato com o *corpus* inicialmente estabelecido, o conjunto de textos escritos por Carmen da Silva para a revista *Cláudia*, apresentou-se como um desafio. o conteúdo dos trabalhos apontava para uma visão de mundo que parecia coerente mas cuja interpretação exigia o conhecimento de novos autores.

A leitura de obras e a participação em debates sobre gênero, trabalho e saúde, partindo de uma perspectiva histórica, política e psicológica permitiu-nos compreender os textos como produções de um processo de comunicação e de um projeto de mudança social.

A análise de conteúdo dos textos, o resumo de cada um deles mostrou-nos do que a autora falava e a quem se dirigia especificamente. Ela procurava explicar as razões, os motivos do que acontece, refletir a respeito das mudanças necessárias, lembrar os obstáculos possivelmente encontráveis no caminho e como superá-los, quando tinha idéia de como fazê-los.

O contato com obras da escritora Carmen da Silva, as entrevistas e os depoimentos sobre sua vida e obra permitiu-nos traçar um perfil de sua biografia intelectual. ao privilegiar sua opção de vincular-se teoricamente ao existencialismo sartreano pôde usar criticamente suas leituras do marxismo e dos textos de Freud. O permanente confronto para a busca da autonomia individual enfrentando as pressões da cultura dominante coloca em destaque, nos textos de Carmen, a crítica do comportamento individual como parte das atuações herdadas ao longo da história e apoiadas na organização social.

No seu trabalho, Carmen desmitifica a mulher e seus falsos dilemas de ser cumpridora de um destino como santa ou pecadora, vítima ou algoz.

A esposa legítima, a outra, a prostituta profissional, a mulher assassinada pelo amante, a mulher que mata o homem que a abandonou, todas são protagonistas de “A Arte de ser Mulher”. E desmitifica a noção da permanência de um conceito de ser mulher ao longo de três décadas. Se nos anos 60 uma leitora de *Cláudia* perguntava se devia ou não trabalhar



fora de casa, nos anos 80, o debate era sobre direitos das mulheres, em casa, no trabalho, nos partidos políticos que se reorganizavam.

A atuação de Carmen da Silva é um caso de coerência entre a perspectiva filosófica e política da autora e sua produção intelectual em um meio de comunicação. No seu trabalho, notamos como conceitos da história, da filosofia e da política podem ser trabalhados na análise de casos pessoais.

Na perspectiva psicológica de análise o trabalho de Carmen apresenta afinidades com a atuação de psicanalistas freudianos vinculados a análise transacional. Esta constatação permite-nos afirmar que em seu trabalho de redatora, Carmen também assumia o papel de analista. Informando suas leitoras, estabelecendo um diálogo e interpretando os problemas apresentados Carmen construía respostas que serviam para orientar a consulente, ao mesmo tempo em que atingia outras leitoras interessadas na questão.

### **Avaliação do Projeto Integrado**

O trabalho integrado com um constante intercâmbio de idéias, leituras, trabalhos, participação conjunta em eventos, foi muito importante para o equacionamento das questões teóricas da pesquisa individual.

A hipótese sobre a visão feminista de Carmen ser uma visão revolucionária da mulher, pôde ser confirmada com leituras e estudos sobre os temas: gênero, trabalho e saúde, psicologia social e educação na perspectiva histórica e política. Recentemente, estudos de gênero relacionados às necessidades do “novo homem” e as novas concepções sobre o ser masculino, comprovam a tese de Carmen da Silva: mudar a mulheres implica em mudar os homens. Mas estamos falando de homens e mulheres em suas conjunturas históricas. O mundo dos anos 80 difere do atual nas suas condições de vida. E na inserção das pessoas no mundo enfrentamos os projetos de comunicação que nos cercam.

Se Carmen da Silva conseguiu organizar e executar um projeto de comunicação para e com mulheres visando mudanças nas suas condições de vida, conforme constatamos, atualmente tal projeto se perdeu. Temos que começar tudo outra vez com aquelas pessoas que hoje enfrentam “a Arte de Ser Mulher” nos lares, nas empresas, nas escolas, nos partidos políticos, lembra Maria Otilia Bocchini. Como ela, na tripla condição de pesquisadora, professora e comunicadora, percebemos a atualidade do trabalho de Carmen da Silva, cujo projeto se extinguiu com a sua morte, em 1985.

Os estudos sobre a organização do trabalho, desenvolvidos por José Roberto Heloani nos remetem à questão da reorganização do espaço e do tempo nas relações de produção. Ao acelerar o tempo dado para o trabalho e encurtar as distâncias geográficas, o capitalismo estimula a padronização, inclusive das diferenças possíveis, quando os indivíduos buscam respostas para os seus problemas os meios de comunicação de massas tendem a apresentar soluções tópicas, dogmáticas, diagnósticos fechados.

E há uma tendência à medicalização na saúde e no trabalho das mulheres. A pressão, o stress e outras manifestações que perturbam o cotidiano das mulheres têm um arsenal de

remédios para controle. Propõe-se que o correto é o bem estar permanente como se nada mais houvesse para o nosso descontentamento como cidadãos. Neste contexto, as empresas de comunicação podem situar o projeto de Carmen da Silva como anacrônico.

A avaliação dos resultados da pesquisa constata: o projeto de Carmen da Silva incorpora o máximo de realização individual para as mulheres como o desenvolvimento de novas relações humanas na coletividade de homens e mulheres de todas as idades, mantendo uma utopia desejável, que buscamos quotidianamente tornar possível.

Destacamos a importância do Projeto Integrado de Pesquisa também para o trabalho e ensino de graduação e nas atividades de extensão e divulgação da produção de todos os professores do grupo. O trabalho em conjunto contribui para um melhor resultado das produções individuais, das quais salientamos:

a) Produção por José Roberto Heloani, de um livro intitulado *A Nova Organização do Trabalho: Uma Visão Psicosocial* que mostra a organização do trabalho e a gestão das empresas hiper modernas, a partir do qual debatemos a gestão do inconsciente nas sociedades contemporâneas.

b) Pesquisa sobre publicações da grande imprensa dirigidas ao público feminino de menor poder aquisitivo por Maria Otilia Bocchini, em que se constatou a permanência dos valores culturais tradicionais sobre o papel da mulher na sociedade. Propõe-se a submissão à vontade do homem pela mulher e a exaltação da tríade mãe-esposa-filha. Dos seus trabalhos de planejamento e execução de publicações, salientamos o periódico trimestral *Mulher e Saúde*, da SOF-- Sempre Viva Organização Feminista.

Estas ações de comunicação atestam uma prática de cidadania possível nas condições da sociedade brasileira atual.

As edições do *Boletim da Cidadania* e os seminários organizados pelo grupo permitiram ampliar o conhecimento das questões interdisciplinares que condicionem o exercício da cidadania e a visão do trabalho de comunicação nesse processo.

Finalizamos a editoração do livro *Mulheres Jornalistas na Construção da Cidadania Possível*, realizado através dos apoios ao Projeto Integrado A Construção da Cidadania e do PIBIC/CNPq da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP. O projeto de iniciação científica, que criamos e coordenamos, envolve estudantes de jornalismo em graduação com o título Personagens da História: Mulheres Jornalistas. Estudantes do curso de Editoração, orientados por Maria Otilia Bocchini, fizeram a editoração do livro. As jornalistas entrevistadas, Judite Patarra, Conceição Leme e Mônica Teixeira mostraram a intervenção qualitativa das mulheres no jornalismo brasileiro dos anos 60 aos 90 em temas com ciência e tecnologia, meninos de rua, segurança e intervenção policial e políticas públicas (8).



### **Referências:**

- 1) Agnes Heller. *O Cotidiano e a História*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, 3<sup>a</sup>. ed., Rio, Paz e Terra, 1989, pp.1-15.
- 2) Ver: Gabriela Bonacchi e Ângela Groppi (org.). *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. Trad. Álvaro Lorencini, São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1955.
- 3) Carmen da Silva. *O melhor de Carmen da Silva*. Seleção de Júlia Tavares, Rio, Rosa dos Tempos, 1994, p.265.
- 4) Antonio Gramsci *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Rio, Civilização, 1968.
- 5) Carmen da Silva. *O melhor de Carmen da Silva*, p.36.
- 6) Depoimento de Maria José Lima, em 23 de novembro de 1999, após a palestra que proferimos sobre a influência do feminismo de Simone de Beauvoir em Carmen da Silva, no Colóquio “O Segundo Sexo, Cinquenta Anos Depois”, patrocinado pelo Instituto de Psicologia da UFRJ.
- 7) Pesquisa apresentada no seminário organizado pela SOF –Sempreviva Organização Feminista --, em dezembro de 1999 sob o título “Revistas Femininas Populares: Estratégias Culturais de Controle do Corpo da Mulher”.
- 8) Alice Mitika Koshiyama (org.). *Mulheres Jornalistas: Opções Profissionais para a Construção da Cidadania*. São Paulo, Com-Arte, 2.000.